



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

VICTÓRIA ELIZABETH ALVES MAZZEO

HISTÓRIA E NARRATIVA:

O PROBLEMA DA NARRATIVA A PARTIR DO ROMANCE
“MULHERES ESMERALDAS” DE DOMINGOS PELLEGRINI
(2018)

Londrina
2019

VICTÓRIA ELIZABETH ALVES MAZZEO

HISTÓRIA E NARRATIVA:
O PROBLEMA DA NARRATIVA A PARTIR DO ROMANCE
“MULHERES ESMERALDAS” DE DOMINGOS PELLEGRINI
(2018)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Giannattasio.

Londrina
2019

VICTÓRIA ELIZABETH ALVES MAZZEO

HISTÓRIA E NARRATIVA:

**O PROBLEMA DA NARRATIVA A PARTIR DO ROMANCE “MULHERES
ESMERALDAS” DE DOMINGOS PELLEGRINI (2018)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Giannattasio
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Ms. Guilherme Cantieri Bordonal

Prof. Ms. José Osvaldo H. Corrêa

Londrina, 18 de dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais Eliete e Geraldo, que sempre apoiaram todas as minhas escolhas e nunca mediram esforços para que este dia chegasse. Obrigada!

A Domenic, presente em todos os momentos difíceis para me apoiar, confortar e motivar. Sem você eu teria desistido.

Aos amigos que fiz no curso, José Carlos, Jonatas Filipe e Igor Henrique, vocês fizeram a graduação ser mais leve e divertida. Que bom que chegamos ao final juntos.

Ao professor Gabriel Giannattasio pelas orientações e reflexões nos momentos de caos.

Ao querido psicólogo Luciano por me ajudar a lidar com o turbilhão de sentimentos que o último ano da graduação trouxe.

E por fim, mas não menos importante, agradeço à Universidade Estadual de Londrina, como um todo. Que venham dias melhores.

*Daqui desse momento
do meu olhar pra fora
o mundo é só miragem.
A sombra do futuro
a sobra do passado
assombram a paisagem.*

Lenine e Dudu Falcão

MAZZEO, Victória Elizabeth Alves. **História e narrativa**: o problema da narrativa a partir do romance *Mulheres Esmeraldas* (2018) de Domingos Pellegrini. 40 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a importância da narrativa para a História, para isto foi escolhido uma fonte literária do escritor londrinense Domingos Pellegrini – *Mulheres Esmeraldas*. Nos expressamos à partir da narrativa, ela é a forma de organizar a experiência humana. Estudaremos três tipos de narrativas – pós-modernismo, romance histórico e novo romance histórico. A primeira propõe o fim das metanarrativas que são as histórias contadas sobre como adquirimos conhecimento (Liberalismo, Marxismo, Iluminismo e Hegelianismo). O romance histórico nascido sob o signo do romantismo, teve suas narrativas usadas como ferramenta para consolidar as nações recém formadas, principalmente na América Latina, é construída a partir de grandes personagens e acontecimentos históricos mesclados com ficção. O novo romance histórico surge como forma de problematizar o passado, sua principal característica é a multiplicidade de discursos, dando voz aos personagens que foram excluídos ou manipulados pela história oficial. O romance narra a história de um jornalista da revista Playboy que vai até a Amazônia para fazer uma reportagem sobre garimpo e chegando lá descobre um garimpo de mulheres, o jornalista se envolve com as questões das garimpeiras e decide ajudá-las a vender as esmeraldas encontradas. O Romance reflete as memórias do próprio escritor, uma vez que Pellegrini foi jornalista desta revista e visitou um garimpo feminino. Ao término do trabalho percebe-se como a narrativa histórica tradicional apesar de ter nascido junto com a literatura está muito afastada da mesma, fazendo com que muitas vezes suas narrativas se tornem cansativas e de difícil acesso, o que não acontece nas narrativas literárias.

Palavras-chave: História. Narrativa. Romance histórico. Domingos Pellegrini.

MAZZEO, Victória Elizabeth Alves. **Histoire et narratif**: le problème de la narratif a partir du roman *Mulheres Esmeraldas* (2018) de Domingos Pellegrini. 40 p. (Programme de Baccalauréat en Histoire) – Université d'État de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMÉ

L'objectif de cette recherche est d'analyser l'importance de la narratif pour l'Histoire, pour cela il a été choisi comme source littéraire l'œuvre *Mulheres Esmeraldas* de l'écrivain londrinense Domingos Pellegrini. On s'exprime à partir de la narratif, elle est la forme d'organiser l'expérience humaine. On étudiera trois types de narratifs – le postmodernisme, le roman historique et le nouveau roman historique. La première propose la fin des métarécits, qui sont les histoires racontées sur la forme d'acquérir le connaissance (Libéralisme, Marxisme, Illuminisme et Hégélianisme). Le roman historique qui est né sous le sein du romantisme a eu ses narratifs utilisées comme des outils pour consolider les nations nouvellement formées, surtout dans l'Amérique Latine, et est construit à partir des grands personnages et événements historiques fusionés avec la fiction. Le nouveau roman historique apparaît comme une forme de problématiser le passé, sa principale caractéristique est la multiplicité de discours, donner la parole aux personnages qui ont été exclus ou manipulés par l'histoire officielle. Le roman raconte l'histoire d'un journaliste du magazine Playboy qui voyage à Amazônia pour faire un reportage sur l'orpaillage et quand il arrive là-bas il découvre un orpaillage composé que de femmes, le journaliste s'engage avec les questions de ces femmes et décide les aider à vendre les émeraudes qui elles avaient retrouvé. Le roman reflète à propos des mémoires de l'auteur lui-même, puisque Pellegrini a été journaliste de ce magazine et a visité un garimpo féminin. À la fin de cette recherche on comprend comme le récit historique traditionnel en dépit d'avoir été né avec la littérature est très éloigné de la même, ce qui fait que beaucoup de fois ses narratifs deviennent fatigantes et d'accès difficile, ce qui ne se passe pas dans les narratifs littéraires.

Mots-clé: Historie. Narratif. Roman historique. Dominos Pellegrini.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A NARRATIVA E O PÓS-MODERNISMO	10
1.1 NARRATIVA	10
1.2 PÓS-MODERNISMO	12
1.3 ROMANCE HISTÓRICO.....	17
1.4 NOVO ROMANCE HISTÓRICO	18
2 ANÁLISE DA OBRA <i>MULHERES ESMERALDAS</i> (2018) DE DOMINGOS PELLEGRINI.....	20
2.1 DOMINGOS PELLEGRINI	20
2.2 GÊNESIS DE <i>MULHERES ESMERALDAS</i>	22
2.3 ANÁLISE DA OBRA.....	24
2.3.1 Narrador.....	24
2.3.2 Espaço.....	25
2.3.3 Tempo	25
2.3.4 Personagens	26
2.3.5 Enredo.....	27
2.4 CONSIDERAÇÕES PÓS-ANÁLISE	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Sempre fui uma leitora ávida desde a tenra infância, mal aprendi a ler as primeiras sílabas e estava sempre com um gibi ou um livrinho. Conforme fui crescendo, fui identificando o gênero que mais me atraía – o romance. Mas não qualquer romance, eu me apaixonei pelos romances que contavam sagas familiares, tratavam das paixões e defeitos humanos, e que tinham proximidade com a vida real em geral.

Essa paixão surgiu aos quinze anos com o romance *Os catadores de conchas* (1987) de Rosamunde Pilcher, que se tornaria minha escritora favorita. O romance é ambientado em Londres e na Cornualha no período pré Segunda Guerra Mundial, durante a guerra e quarenta anos depois. Ficção e história juntas.

Já na graduação e sem saber qual temática escolher para o trabalho de conclusão de curso, a ideia surgiu de um comentário feito em sala de aula pelo professor, que veio a ser orientador deste projeto – Gabriel, exemplificado sobre o que é ou não considerado fonte histórica, apresentou o livro *Mulheres Esmeraldas* de Domingos Pellegrini, caracterizando-o como uma possível fonte histórica.

Gabriel contou brevemente a história do livro e aquela narrativa prendeu minha atenção. Que genial, uma história sobre um garimpo de mulheres, pensei. A temática sobre o garimpo estava borbulhando em minha cabeça já que no semestre anterior havia feito um trabalho sobre o garimpo de Serra Pelada na disciplina História do Brasil IV.

Serra Pelada foi um fenômeno único da garimpagem e eu estava deslumbrada com a sua história e pensando em trabalhá-la no TCC, porém, uma outra aluna também decidiu estudar o garimpo, mais especificamente as mulheres no garimpo, o que esvaiu minha ideia de estudar essa temática em meu trabalho. Professor Gabriel então veio ao meu socorro – “Por que não estudar o garimpo de mulheres (minha ideia inicial) utilizando como fonte um romance e trabalhar as questões sobre a narrativa na História?” Sugeriu. Então juntando o trabalho anterior de Serra Pelada e as sugestões de Gabriel, eis que surgiu este projeto.

Mulheres Esmeraldas narra a história de um jornalista da revista Playboy em busca de um garimpo de mulheres para fazer uma reportagem e ensaio fotográfico. A história se passa na cidade de Alta Mata, Amazônia, no ano de 1984 em um momento transitório da política brasileira – ditadura militar e democracia. Entre elementos ficcionais e acontecimentos históricos verídicos, o autor nos deleita com o desabrochar do romance dos

dois personagens centrais, Mariane, uma norte-americana e “Preibói”, o jornalista brasileiro.

Seria então o romance de Pellegrini uma possível fonte histórica? Devemos lembrar que “todo Romance, como produto de um ato de escrita é sempre histórico, porquanto revelador de, pelo menos, um tempo a que poderíamos chamar de tempo da escrita ou da produção do texto.”¹

Na historiografia tradicional há um conjunto de restrições que durante muito tempo limitou a escrita historiográfica, tornando-a rebuscada demais, de difícil acesso e por vezes, desinteressante. Algo que não encontramos nas narrativas ficcionais, como o Romance e o Romance histórico, por exemplo, que serão discutidos ao longo deste trabalho.

No século XIX, acima de tudo, assistimos ao esforço dos historiadores para institucionalizar essa área de estudos por meio de uma ruptura da História em relação à Arte e à Filosofia. Na tentativa de se livrar da Arte — mais especificamente da Literatura —, houve um empenho de muitos historiadores em esconder de seus escritos elementos retóricos habitualmente utilizados em textos literários.²

Esta pesquisa se aterá em três modelos narrativos: Pós-modernismo, Romance histórico e Novo Romance histórico, sempre dialogando com a História e analisando as proximidades e distâncias entre elas, afim de chegarmos à uma resposta se o romance *Mulheres Esmeraldas* pode ou não ser tomado como uma narrativa histórica.

¹ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O Novo Romance Histórico brasileiro. **Revista Via Atlântica**, São Paulo: USP, n. 4, 8 dez. 2000, p. 169.

² GARCIA, Aline Loretto. A pós-modernidade é bela. In: GIANNATTASIO, Gabriel [org]. **A História, esta cortesã**. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 18.

CAPÍTULO I

A NARRATIVA E A HISTÓRIA

1.1 NARRATIVA

Nos comunicamos e expressamos através da linguagem, a partir dela contamos nossa experiência e depois sintetizamos-a através de uma forma narrativa. De acordo com o psicólogo Jerome Brunner, narrativas e histórias são uma forma de organizar a experiência humana:

[...] nós organizamos nossa experiência e nossa memória de acontecimentos humanos principalmente na forma de narrativas: história, desculpas, mitos, razões para fazer e para não fazer, e assim em diante. [...] Ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos que podem ser destruídas por causa de falsificações, construções narrativas só podem alcançar “verossimilhança.” Assim, narrativas são uma versão de realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por “necessidade narrativa”, e não por verificação empírica e precisão lógica, e, ironicamente, nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas.³

Ou seja, historiadores que buscam incansavelmente narrar a “verdade absoluta” estão na verdade buscando o inatingível. O passado já aconteceu e acabou, tudo o que podemos fazer enquanto historiadores é narrar uma, entre inúmeras versões desse passado já acontecido. Peter Burke aponta que “cada vez mais historiadores estão começando a perceber que seu trabalho não reproduz “o que realmente aconteceu”, tanto quanto o representa de um ponto de vista particular.”⁴ O autor ainda diz que os narradores históricos devem encontrar uma forma de alertar seus leitores que sua narrativa não é imparcial e onisciente e que outras interpretações são possíveis.

Até meados do século XVIII, a narrativa histórica era confundida com a literária, já que o historiador era visto como um “contador de histórias” e a História como uma parte da retórica (oratória, falar bem). História e linguagem estavam entrelaçadas. Com o advento do Iluminismo e a busca de respostas por meio da ciência, a História se afastou da Literatura e além, passou a negá-la em seu domínio, porém não podemos negar a proximidade entre as duas.

³ BRUNER, Jerome. A construção narrativa da realidade. 1991, **Critical Inquiry**, 18(1), p. 4.

⁴ BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 345.

Escrever uma história é narrar algo, tendo acontecido (real) ou não (ficção). “As narrativas são constituídas de enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Cinco elementos que, em uma mesma publicação, dão sentidos ao texto literário”⁵

Exemplificando com uma narrativa histórica, o enredo seria a proclamação da república brasileira, os personagens seriam Dom Pedro II, Marechal Deodoro da Fonseca, etc., o tempo seria novembro de 1889, o espaço Rio de Janeiro e o narrador seria o historiador que estivesse escrevendo sobre este acontecimento.

O que difere o exemplo acima de uma narrativa ficcional é apenas a veracidade do acontecimento, a proclamação da república aconteceu nos moldes expostos. Caso o exemplo dado fosse “meu caso de amor proibido com Marechal Deodoro da Fonseca, e como ele me abandonou um dia antes da proclamação da república”, os personagens seriam Marechal e a amante abandonada, o tempo seria 1889, o espaço Rio de Janeiro e o narrador seria o romancista que escreveu sobre esse caso fictício.

Historiador e romancista utilizam os mesmos procedimentos para produzirem sua narrativa, e vimos a partir deste exemplo trivial quão próxima está a História e a Literatura e como a História pode ser vista como uma atividade literária, já que quem narra conta uma história, e, especificamente no caso dos historiadores, as narrativas criadas são denominadas de narrativas históricas, que são

[...] o veículo para a coligação, porque explica como as coisas acontecem e em que sequência. [...] Quando a narrativa histórica é construída em torno de um enquadramento selecionado, ela se torna o veículo primário para a transmissão e, em forma de argumento, para a constituição da compreensão histórica.⁶

Mas até que ponto as narrativas históricas podem reconstruir ao passado como ele realmente aconteceu/foi?

Não se pode conhecer o que já foi, através de documentos, senão solicitando da imaginação os seus recursos tropológicos. Mediante esses recursos, o historiador conhece reconstruindo, mas a sua construção é uma figuração. Desse modo, reaparece na verdade histórica o elemento ficcional. [...] ⁷

⁵ OLIVEIRA, Cristiano Mello de. *Divergências e convergências – reflexões sobre o romance histórico*. In: OLIVEIRA, Cristiano Mello de. **O novo romance histórico brasileiro em travessias: a República dos Bugres e conspiração barroca**, de Ruy Reis Tapioca. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

⁶ MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a História**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 243.

⁷ NUNES, Benedito. *Narrativa histórica e narrativa ficcional*. In: RIEDEL, Dirce Cortês [org]. **Narrativa: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 33.

Neste trecho Nunes chama atenção para algo que gera certo incômodo em muitos historiadores - o *elemento ficcional*. Na narrativa ficcional os acontecimentos são inventados e não são passíveis de nenhum tipo de confirmação empírica, já na narrativa histórica, os dados, documentos de um mundo que já aconteceu só se confirmam através da reconstrução desse mundo que já não existe mais, ou seja, para confirmar o que está se pesquisando, o historiador precisa reconstruir, criar (atividades que fazem parte da ficção) para dar veracidade ao seu trabalho. Uma fonte sozinha não conta uma história por si só é preciso recriar o seu mundo (que não existe mais) ao seu redor para entendê-la. Este é o trabalho do historiador.

Seu trabalho é recriar o passado com auxílio da narrativa, no tempo presente, o que o torna próximo do trabalho de um ficcionista. Ora, a narrativa de ambos necessitam ter enredo, personagens, tempo, espaço e narrador e os dois recorrem à imaginação para dar voz aos seus personagens. O historiador só consegue acessar o passado por meio da figuração, da representação.

As narrativas históricas são concebidas com um propósito, produzir conhecimento histórico, e devem (deveriam) abarcar as

[...] diversas maneiras como homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas e a de suas sociedades, através do tempo e do espaço. Ela permite que as experiências sociais sejam vistas como um constante processo de transformação; um processo que assume formas muito diferenciadas e que é produto das ações dos próprios homens⁸.

A partir das considerações de Fonseca, refletimos se a História feita dentro das grandes-narrativas realmente deu conta de abranger essa multiplicidade de pensamentos, modos de viver e experiências vividas por todos os sujeitos históricos.

1.2 PÓS-MODERNISMO

Metanarrativas ou grandes-narrativas são amplamente exploradas pelo Pós-modernismo que anuncia a morte destas grandes sínteses históricas. De formação recente e ainda em construção, o Pós-Modernismo se ocupa em estudar a questão da narrativa, “[...] os autores pós-modernos compartilham das preocupações em repensar o papel da linguagem no

⁸ FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de história**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2008. p. 40.

texto, assim como o do próprio conhecimento científico estabelecido⁹.”

O historiador Alun Munslow define o Pós-modernismo como “[...] a condição contemporânea e modificada sob a qual adquirimos conhecimento. Entre os princípios-chave dessa nova condição do conhecimento estão as grandes dúvidas que agora existem sobre a exata representação da realidade.”¹⁰

Domício Proença Filho diz que “o pós-moderno vem sendo associado a realidades também distintas: ora se une ao tempo da história [...] sucedendo à época moderna desde meados de 1875, [...] ora a um estilo manifesto em várias artes, [...] ora a uma tendência da filosofia contemporânea. [...]”¹¹

Já para o filósofo francês Jean-François Lyotard, um dos mais importantes autores sobre o assunto, o Pós-modernismo seria a superação e o fim das metanarrativas.

O termo metanarrativa foi usado por Lyotard no livro *A condição pós-moderna*, onde defende que as metanarrativas ou grandes-narrativas são as histórias contadas sobre como adquirimos conhecimento, e assim, compreendemos o processo humano e a história, e são elas o Marxismo (trabalho), Iluminismo (razão), Liberalismo (mercado), Hegelianismo (espírito).¹² Os quatro termos serão brevemente apresentados a seguir.

O *Iluminismo* é uma “linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana.” O termo foi criado pelo filósofo alemão Immanuel Kant em 1784 para definir a filosofia dominante na Europa ocidental no século XVIII.

O Iluminismo compreende três aspectos que se entrelaçam:

1 extensão da crítica a toda e qualquer crença e conhecimento, sem exceção; 2 realização de um conhecimento que, por estar aberto à crítica, inclua e organize os instrumentos para sua própria correção; 3 uso efetivo, em todos os campos, do conhecimento assim atingido, com o fim de melhorar a vida privada e social dos homens.¹³

Por conta disto o século XVIII ficou conhecido como o “século das luzes”, em contraponto ao período medieval, onde a busca pela razão e o cientificismo não eram prezados. Entre os principais teóricos iluministas estão: Rousseau, Voltaire, Montesquieu.

⁹ ENDREW, John. Historiografia e Pós-modernismo: diálogos possíveis. In: **VIII Congresso Internacional de História**, p. 2569-2576, 9-11 out. 2017. p. 2579.

¹⁰ MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a História**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 10.

¹¹ PROENÇA FILHO, Domício. **Pós-Modernismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1988. p. 12.

¹² MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a História**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 242.

¹³ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

O *Liberalismo* surgiu no século XVIII como uma forma de oposição ao Absolutismo, as teorias liberais clássicas foram influenciadas pelas ideias iluministas. O Liberalismo é uma doutrina política-econômica que busca a liberdade - liberdade política, econômica, de pensamento, liberdade do Estado, defesa da propriedade privada, não interferência do Estado no mercado e na economia (livre comércio) e preza pela liberdade e direitos individuais de cada ser humano.

É dividido em liberalismo econômico e liberalismo político. Predominou principalmente na Europa ocidental e América latina até o período entre-guerras. Entre os principais teóricos do liberalismo estão: Adam Smith, John Locke, Thomas Malthus.

O *Hegelianismo* é uma corrente filosófica desenvolvida pelo filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, um dos primeiros pensadores a se preocupar com a questão da modernidade. Para ele a realidade externa é essencialmente imaginária, ou seja, um produto de nossa consciencia.

“Embora [Hegel] acreditasse que a realidade era racional, essa racionalidade não era estática, e sim dinâmica. Portanto, a visão hegeliana é a de que o método dialético é o único capaz de favorecer a compreensão de uma realidade em constante mudança.”¹⁴

O *Marxismo* originou-se no século XIX com Karl Maxr e Friedrich Engels, caracteriza-se por ser um sistema racionalista de interpretação da realidade, à partir de uma análise histórica, abordando a realidade nos seus vários aspectos: histórico, social, econômico e filosófico. Essa realidade não é pensada de maneira imutável e sim em movimento, transformação.

Em pleno avanço do capitalismo pelo mundo e em meio a transformações econômicas, Marx desenvolveu uma teoria de que toda sociedade deve garantir a produção das condições materias de sua existência (economia), divisão do trabalho e a organização social que estão interligados. Marx elaborou uma teoria que valoriza as forças produtivas, e que seu desenvolvimento se daria de forma autônoma em relação a todas outras relações sociais.

[...] O marxismo postula a ideia de um sentido da história, isto é, de uma direção para a qual a humanidade caminha. Os atos humanos (conscientes ou não), desse modo, estariam na base de um final feliz, e o movimento da história desde a origem até o século XIX (qualificado por Marx como a Pré-história da humanidade) constituiria a gestação do Comunismo, ou seja, da verdadeira história da humanidade, na qual haveria paz e abundância. Nas últimas décadas do século XX, o marxismo entrou em crise como de resto

¹⁴ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 98.

todo o pensamento científico da modernidade¹⁵.

O pensamento de Marx inspirou inúmeras interpretações e práticas políticas principalmente no século XX, devido ao fato de seus textos apresentarem um caráter ambíguo e nada simplista, o que abre portas para uma gama de interpretações particulares.

Feitas as explicações de maneira simplificada das quatro grande narrativas – salvo que todas são dignas de maior aprofundamento, mas não é este o objetivo desta pesquisa, podemos começar a pensar em como todas elas são produtos históricos porque em determinado momento elas foram pensadas e idealizadas por um ser humano e eternizadas (escritas) através das narrativas históricas (produto).

Em outras palavras, a forma como compreendemos o mundo é um pouco a forma como o mundo nos formou, pois já nascemos em um mundo em que essas narrativas estavam consolidadas, reinterpretadas e transformadas, porque não existe nenhuma identidade histórica que não seja imutável.

Ao leitor desta pesquisa, atrevo-me a dizer que tanto eu, quanto você, somos sujeitos pós-modernos, não temos possibilidade de escolha – nós somos, gostemos ou não. Isto porque vivemos na era pós-moderna e bebemos de suas águas. Estamos

submetidos à um bombardeio maço e aleatório de informações parcelares, que nunca formam um todo, e com importantes efeitos culturais, sociais e políticos. [...] A vida no ambiente pós-moderno é um show constante de estímulos desconexos onde as vedetes são o design, a moda, a publicidade, os meios de comunicação.¹⁶

Bebemos *Coca-cola* e comemos *fast-foods*, calçamos tênis *Nike* e atendemos nossas ligações em *smartphones*, ao mesmo tempo em que somos feministas, zens, ativistas de causas animais, vegetarianos, celibatos e poligâmicos. Somos um “boom” de informações fragmentadas que não formam um todo. Eis sintetizado neste parágrafo o que foi chamado de a morte das metanarrativas.

A participação social é dividida em pequenos grupos e objetivos (como os exemplos citados acima) e são participações “brandas, frouxas, sem estilo militante, com metas a curto prazo, e onde há expressão corporal”¹⁷

É neste sentido que chamo atenção para a falência das metanarrativas, elas

¹⁵ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 270.

¹⁶ SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2002. p. 27

¹⁷ *Ibidem*, p. 29.

já não podem mais dar conta do ambiente e do sujeito pós-moderno, estamos fragmentados em todos os sentidos da vida – religioso, político, sexual, social... A narrativa sobre a origem do planeta Terra para um indivíduo de religião neopentecostal não é a mesma de um sujeito hinduísta, por exemplo, e com a historiografia acontece a mesma coisa.

A história está dividida em diversas vertentes – social, econômica, teoria da história, cultural, mentalidades e dezenas de outras. E dentro dessas primeiras divisões existem ainda mais subdivisões. A história social se divide por exemplo em história social da infância, que por sua vez pode se fragmentar em história social da infância no Brasil, e por aí caminha.

Vivemos uma superprodução da história, artigos e livros são publicados na velocidade da luz, “já foi calculado que hoje em dia há mais historiadores debruçados sobre o passado do que a quantidade total de historiadores desde Heródoto até 1960.”¹⁸

O que está acontecendo com a história é o mesmo que nos acontece - o excesso de informações. Estamos sendo bombardeados diariamente por todos os lados – televisão, rádio, redes sociais, *whatsapp*, jornal impresso, revistas, até uma simples conversa no ônibus vira transmissão de notícias... É informação em cima de mais informação, não há tempo para digerir, filtrar, averiguar, argumentar. E o que estamos fazendo com todo esse excesso de informação? “A realidade é a informação em si e não mais a realidade por trás desta informação”¹⁹

Com a história acontece o mesmo, ela não é mais a realidade acontecida, o fato ocorrido, a história é nada mais que a interpretação escrita em forma de narrativa que cada historiador dará à um determinado acontecimento. Pode ser que esta sentença seja indigesta para alguns historiadores, mas não há como fugir.

O Pós-modernismo ao negar as metanarrativas o faz porque entende que as mesmas já não dão conta de abranger essa multiplicidade toda. Esse rompimento com a busca de verdades únicas e absolutas geram desconforto e confronto com os princípios que tradicionalmente dominaram a produção de conhecimento histórico, por isso há muita aversão ao pós-modernismo pelos historiadores. Mas não deixemos nos enganar, como bem coloca Alun Munslow, “A história escrita é sempre mais do que uma inocente contação de estória. [...]”²⁰ Ou seja, por de trás de toda e qualquer história contada sempre há alguma motivação

¹⁸ ANKERSMIT, Franklin Rudolf. Historiografia e pós-modernismo. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, p. 113-135, mar. 2001. p. 115.

¹⁹ *Ibidem*, p. 117.

²⁰ MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a História**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 25.

1.3 ROMANCE HISTÓRICO

O Romance histórico clássico nasceu sob a vigência do Romantismo e tem sua origem vinculada à produção literária do escocês Walter Scott, no século XIX. As obras de Scott narram importantes acontecimentos da história britânica e questões sob a vida moderna e tradicional da Escócia. Os livros *Waverley* (1814) e *Ivanhoe* (1819) contribuíram para a disseminação do gênero pela Europa e América, nesta última, onde as colônias espanholas e portuguesas se viram recém-independentes, o romance histórico se tornou um dos grandes responsáveis pela construção e consolidação das identidades nacionais, através de suas narrativas. “Perceberemos que as grandes obras romanescas – as que tiveram recepção favorável e importante repercussão - são aquelas que, de uma forma ou de outra, evocam acontecimentos históricos, ou, pelo menos, se inserem num contexto sócio-histórico preciso”.²¹

O romance histórico é um gênero plural, pois lida com o ficcional – o elemento chave para o romance e com o verídico – dependente do discurso da História. Os personagens do romance histórico auxiliam na ambientação da época em que a história se desenvolve por meio de seus atos, falas, comportamento, etc, mas apesar de serem inventados, poderiam ter existido de verdade, uma vez que o escritor deve seguir uma regra de verossimilhança no romance histórico, por exemplo, seria controverso um romance deste gênero estar ambientado no século XVIII, e uma personagem feminina utilizasse shorts jeans e top. O escritor precisa criar seus personagens de acordo com a época que se passa a trama.

Outras características do romance histórico são:

[...] a exemplo dos procedimentos típicos da escrita da História, organizam-se em observância a uma temporalidade cronológica dos acontecimentos narrados;

[...] valem-se de personagens fictícias, puramente inventadas, na análise que empreendem dos acontecimentos históricos;

[...] as personalidades históricas, quando presentes, são apenas citadas ou integram o pano de fundo das narrativas;

[...] os dados e detalhes históricos são utilizados com o intuito de conferir veracidade à narrativa, aspecto que torna a História incontestável;

[...] o narrador se faz presente, em geral, na terceira pessoa do discurso, numa simulação de distanciamento e imparcialidade, procedimento herdado igualmente do discurso da História.²²

²¹ FREITAS, Maria Teresa. **Literatura e história**. São Paulo: Atual, 1986. p. 3.

²² BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O Novo Romance Histórico brasileiro. **Revista Via Atlântica**, São Paulo: USP, n. 4, p. 168-177, 8 dez. 2000. p. 170.

Atualmente o Romance Histórico está dividido em dois: Romance histórico clássico e o Novo Romance Histórico, que será explicado em seguida.

1.4 NOVO ROMANCE HISTÓRICO

O Novo romance histórico é inaugurado em 1949 com a publicação de *O reino deste mundo*, pelo cubano Alejo Carpentier, seguido das obras: *O séculos das luzes* (1962) e *Concerto barroco* (1974) do mesmo autor, seguido por Augusto Roa Bastos com *Eu, o supremo* (1974).

Nascido em berço hispano-americano, surge como forma de problematizar o passado. Neste novo gênero é permitido trabalhar com material histórico de forma livre, independente das versões consolidadas pela história oficial. Suas narrativas se abastecem do recurso ficcional para recontar um determinado momento histórico. O novo romance histórico “[...] superou os limites da mera tentativa de descrição do real. É uma narrativa que busca problematizar o real por meio da análise e (re) interpretação da realidade.”²³

A grande característica deste gênero é a multiplicidade dos discursos, ou seja, eles possibilitam dar voz às histórias que foram excluídas e manipuladas pela história oficial. Os fatos históricos e personagens, diferentemente do modelo scotiano, são trabalhados pelo escritor de forma livre e subjetiva, o que contribui para a humanização dos personagens. O escritor

Procura realçar e destacar o indivíduo, os seus sentimentos contraditórios, as suas falhas, a sua humanidade. Dessa forma, no romance contemporâneo, os personagens históricos assumem o papel de protagonistas, suas façanhas, aventuras e desventuras são revistas com o recurso da paródia, com o uso da inversão e da distorção dos acontecimentos.²⁴

O novo romance histórico começa a aparecer a partir de 1949 e muito de sua propagação se deve à comemoração dos 500 anos da descoberta da América e pela necessidade de revisão da história institucional. “Dessa forma, as obras ficcionais fornecem versões da história, pautando-se por interpretações históricas que são recriadas e, em geral, subvertidas pela utilização do recurso paródico.”²⁵

²³ LAVORATI, Carla; TEIXEIRA, Nírcia Cecília Ribas Borges. Diálogos entre ficção e história: do Romance Histórico Clássico ao Novo Romance Histórico. **Revista Odisséia**, n. 6, p. 1-8, jul. 2012. p. 4.

²⁴ BOTOSO, Altamir. Romance histórico e pós-modernidade. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**. v. 3, n. 1/2, ano III, dez/2010. p. 43.

²⁵ *Ibidem*, p. 41.

A principal característica do novo romance histórico é a mistura entre poesia e verdade, ou seja, os acontecimentos históricos são deturpados de forma intencional pelos autores, diferentemente do romance histórico, onde os acontecimentos e personagens históricos não são alterados. As narrativas do Novo romance histórico “não mantêm o compromisso com o real, mas sim, com o verossímil que é uma realidade possível que se aparenta com a verdade.”²⁶

²⁶ LAVORATI, Carla; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Diálogos entre ficção e história: do romance histórico clássico ao novo romance histórico. **Revista Odisséia**, n. 6, jul-dez, 2016. p. 6.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DA OBRA *MULHERES ESMERALDAS* (2018) DE DOMINGOS PELLEGRINI

2.1 DOMINGOS PELLEGRINI

Domingos Pellegrini nasceu em Londrina em 23 de julho de 1949, filho de pai barbeiro e mãe dona de pensão. Os pais se separaram quando tinha sete anos e devido a isso Pellegrini foi morar em Assis, São Paulo.

A paixão pelo universo literário, conta o autor em uma entrevista de 2012, no projeto “Um escritor na biblioteca”, surgiu ao acaso quando um pintor deixou em sua casa uma pilha de revistas, que foram lidas e relidas por ele:

Era uma felicidade ler aquilo. Na revista O Cruzeiro, havia colaboradores como o Millôr Fernandes, que assinava com pseudônimo, além do David Nasser e um fotógrafo maravilhoso, o Jean Manzon. O David Nasser inventava textos-legenda incríveis sobre um assunto que, para um jornalista sem talento, não pareceria assunto. Lembro de uma matéria na qual eles seguiram um cachorro pelas ruas do Rio de Janeiro. Inesquecível. Aquilo tudo me envolveu tanto e senti que algo me chamava, mas, na época, não sabia o que era nem o motivo.²⁷

Dos oito aos treze anos o autor conta que começou a procurar pelos livros e que aos catorze já havia lido boa parte da literatura brasileira. Pellegrini recorda que ao cursar o extinto ginásio, uma professora perguntou se algum aluno saberia declamar sem ler algum poema, e como recompensa ganharia um ponto na média, então, o futuro escritor levantou a mão e disse que conhecia vários poemas, principalmente de Castro Alves:

A professora pegou um livro do autor para conferir o texto enquanto eu declamava. Falei tudo direitinho, e ganhei dois pontos na média para o ano inteiro. Naquele tempo, não se usava a expressão bullying. Durante o recreio, os colegas me chamavam de “caxias”. Nunca me esqueci, mas adorei. Vi que havia um caminho ali, que eu poderia ganhar coisas com aquilo.²⁸

²⁷ PELLEGRINI, Domingos. Um escritor na biblioteca. [Entrevista concedida a Mariana Sanchez]. **Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**, 2012. Disponível em: <
<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=35>>. Acesso em 16 ago. 2019.

²⁸ *Ibidem*.

Pellegrini conta que acredita no dom e que todas as pessoas possuem algum tipo de talento, e foi lendo que ele descobriu que gostava de histórias que narram sobre a vida, começou então a pôr em prática seu dom – a escrita, aos treze anos de idade. A mãe foi uma grande incentivadora, comprou dicionários, enciclopédias e diversas coleções literárias para motivar ainda mais o filho.

O escritor cursou Letras e Publicidade na Universidade Estadual de Londrina e se especializou em Teoria literária na Universidade Estadual Paulista. Antes de viver exclusivamente da literatura, Pellegrini trabalhou como jornalista e publicitário. Entre os anos de 1984 e 1987, atuando como repórter da revista *Playboy* em São Paulo, conheceu vários garimpos na Amazônia, o que o inspirou a escrever o romance *Mulheres Esmeraldas*.

Pellegrini se define como um “contador de histórias”, escrevendo em diversos gêneros, poesia, prosa e romance.

Quando falo que sou um contador de histórias, não estou em má companhia nem me diminuindo. Homero foi contador de histórias, Camões também. As grandes obras da literatura universal são nada mais nada menos que grandes histórias. Penso que, quando o cidadão conta uma história, ele atende a um desejo íntimo e ancestral do ser humano, que é ver tudo em série, os fatos ligados desenvolvendo o que chamamos de história.²⁹

Sobre sua maneira de escrever retoma sobre o dom e diz que não controla nada, nunca se programou para escrever sobre um assunto específico e que o enredo simplesmente surge. Sobre as narrativas longas, conta que o enredo é construído internamente durante anos, brincando que o escritor fica “grávido”. “Eu não penso nem planejo nada, o dom capta as coisas. Esse dom não é mérito de quem o tem, diz respeito à loteria genética, pode cair em qualquer um. O mérito de uma pessoa com dom artístico é cuidar dessa dádiva e aperfeiçoá-la.”³⁰

Pellegrini conta que sempre quis fazer uma literatura que não parecesse literatura, mas sim que parecesse com a vida, algo que não seja rebuscado, que não pareça que ele sentou para fazer aquilo. O escritor conta que essas foram as mesmas obsessões de seus mestres, o brasileiro Graciliano Ramos e o norte-americano Ernest Hemingway. “Um grande

²⁹ PELLEGRINI, Domingos. Um escritor na biblioteca. [Entrevista concedida a] Mariana Sanchez. **Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**, 2012. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=35>>. Acesso em 16 ago. 2019.

³⁰ *Ibidem*.

dançarino faz poucos gestos, mas todos são tensos e graciosos. A arte suprema, para mim, é essa da simplicidade com graça.”³¹

Sobre os temas que gosta de escrever, o autor fala que é ligado na terra, nas vivências e raízes, por isso nada mais natural do que “beber” da cultura da região onde nasceu. Exemplo disso é o romance *Terra Vermelha* (2003) que narra o processo de colonização do Paraná mesclado com temas da natureza humana – paixão, conflitos, sofrimento...

Seu primeiro livro publicado, a coletânea de contos *O homem vermelho* (1977), ganhou boa receptividade e levou o Prêmio Jabuti, o mais tradicional prêmio literário do Brasil. Sobre a obra Pellegrini destaca:

Além de dar voz às pessoas que não têm voz, na época eu era comunista e também queria dar voz aos marginalizados. Os personagens do meu livro de contos assumem a protagonização dos enredos e sofrem, e vivem, as histórias com suas deficiências e coragem. A crítica não apontou para essas nuances, mas entendi que o livro foi reconhecido devido à linguagem nova e a um modo peculiar de ver o mundo.³²

Tendo publicado mais de trinta livros de diversos gêneros e ganho seis prêmios Jabuti, Domingos Pellegrini é nome consagrado na literatura brasileira contemporânea. Atualmente reside em Londrina e mantém uma página com seu nome no *Facebook*, onde posta pequenos trechos de suas obras. Também é colunista semanal do jornal *Folha de Londrina*.

2.2 GÊNESIS DE MULHERES ESMERALDAS

O romance *Mulheres Esmeraldas* foi lançado recentemente em 2018, porém, começou a ser escrito cerca de vinte anos antes, quando Domingos Pellegrini residia em São Paulo e era repórter da revista *Playboy*. Em uma viagem a trabalho para a cidade de Alta Floresta no interior do Mato Grosso, o autor ouviu histórias sobre o garimpo local e ficou impressionado com um garimpo composto por três mulheres que trabalhavam sozinhas buscando ouro.

³¹ PELLEGRINI, Domingos. Um escritor na biblioteca. [Entrevista concedida a Mariana Sanchez]. **Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**, 2012. Disponível em: <
<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=35>>. Acesso em 16 ago. 2019.

³² *Ibidem*.

Conheci o delírio de garimpeiros que ficavam ricos do dia para a noite e também logo empobreciam gastando euforicamente. Quando achavam um veio de ouro, ficavam 'bamburrados', ricos de repente, e também, dizia o povo, ficavam burros, gastando doidamente. Ai alguém me disse que garimpo 'com a cabeça no lugar' só mesmo garimpo de mulheres.³³

O escritor foi conhecer o garimpo de mulheres de táxi, próximo à cidade e conta que lá elas faziam na realidade “catação”, ou seja, remexiam nos montes de cascalhos deixados por garimpeiros anteriores em busca de algum ouro esquecido. As mulheres levavam uma vida pobre pois o que encontravam jamais as tornariam ricas. Para Pellegrini disseram que preferiam levar a atividade e a vida desta forma do que se arriscarem nos garimpos de homens. E foi ali que surgiu a ideia para o romance, segundo o escritor.

Quando voltou a residir em Londrina e comprou seu primeiro computador em 1990 escreveu o romance *Mulheres Esmeraldas*, mas devido à um pequeno detalhe, o texto ficou esquecido por quase vinte anos: "Nomeei o arquivo com esse título, sem acrescentar antes a palavra romance, como passaria a fazer daí por diante. Por isso, ele passou mais de duas décadas esquecido na sua gavetinha separada dos outros, até ser achado numa limpeza de arquivos".³⁴

Após a descoberta o escritor conta que mostrou o material à esposa Dalva que após ler enviou-o para a agente literária Luciana Villas Boas. O livro foi todo reescrito antes de ser enviado para a editora.

Sobre o romance Pellegrini afirma não conter nenhuma crítica social, mas "mostra situações em que é preciso pensar sobre feminismo, diversidade - sexual, social, econômica - e empreendedorismo, amor e casamento, esquerdismo e direitismo, sentido de vida e outros assuntos que estão na ordem do dia e estão na essência do ser humano"³⁵, destaca.

³³ PELLEGRINI, Domingos. Garimpo literário. [Entrevista concedida a Marcos Roman]. Folha 2. **Jornal Folha de Londrina**, 16 ago. 2018. Disponível em: < <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/garimpo-literario-1012774.html>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ *Ibidem*.

2.3 ANÁLISE DA OBRA

2.3.1 Narrador

O romance de 206 páginas é escrito na terceira pessoa do singular e o narrador é onisciente – ele conhece intimamente tudo sobre o enredo e sobre os personagens: passado, emoções, sentimentos e pensamentos, porém, sem participar da história.

Pellegrini faz uso de uma linguagem simples e de fácil acesso. Na página em que o romance começa, ele faz uma pequena nota: “(N.A.: O autor usa apenas “porque” e jamais “por que” porque não vê porque, além de também dispensar algumas pontuações por obviedade desnecessárias.)”.³⁶ A partir dessa consideração identificamos a preocupação que o autor tem com a linguagem, que diferente do que se encontra na maioria esmagadora dos outros romances e literatura em geral, não é aquela linguagem e gramática minuciosamente “correta” e formal. Pellegrini sobre sua forma de escrever afirma:

Me sinto um contador de histórias, aquele ser que descende dos sujeitos que, ao redor de fogueiras, desenvolveram linguagem contando suas caçadas, diferentemente do escritor que posa como alguém que sabe apenas lidar com as palavras. Mais do que palavras, eu lido com a vida.³⁷

Neste trecho da entrevista se observa um ponto interessante, o autor diz ter desenvolvido sua linguagem e se põe em contraposição dos escritores que muitas vezes se colocam num pedestal da linguagem (aqueles que refinam, rebuscam e tornam o texto desinteressante e por vezes, inacessível). Pellegrini fala sobre os escritores em geral, mas a observação poderia ser aplicada aos historiadores profissionais que escrevem em uma linguagem quase arcaica.

É nesse ponto que a literatura e ficção se sobressaem sobre as narrativas históricas, a ficção seduz e aproxima o leitor, enquanto as narrativas históricas os afastam devido à dificuldade e monotonia de se ler a última.

Por que motivo então os historiadores ainda insistem em depreciar a ficção? Seria o pedestal um lugar mais confortável para estar do que na multidão? Talvez. Mas é fato que anos de trabalho de muitos historiadores profissionais passam meses e anos empacados

³⁶ PELLEGRINI, Domingos. **Mulheres Esmeraldas**. 1 ed. Belo Horizonte: Gutemberg, 2018, p. 5.

³⁷ PELLEGRINI, Domingos. Um escritor na biblioteca – Domingos Pellegrini. [Entrevista concedida a Mariana Sanchez. **Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**, 2012. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=35>>. Acesso em 16 ago. 2019.

nas prateleiras das livrarias até finalmente serem liquidados e adquiridos por calouros universitários entusiasmados que talvez não compreendam um único parágrafo do texto.

Os historiadores teimam em negar as proximidades entre narrativa ficcional e a narrativa histórica, porém, História e Literatura se diferem apenas em seus procedimentos e funções. “[...] História e a Ficção se entrosam como formas de linguagem. Ambas são sintéticas e recapitulativas [...]”³⁸

Domingos Pellegrini acerta em cheio na linguagem usada em *Mulheres Esmeraldas*, a escrita desenvolvida faz a leitura ser envolvente e de fácil acesso para leitores adolescentes e adultos.

2.3.2 Espaço

O romance se inicia na cidade de Alta Mata na Amazônia. A cidade é fictícia, mas faz pode fazer alusão à cidade de Alta Floresta, no norte do Mato Grosso, conhecida como região da Amazônia Mato-grossense, devido à natureza da região ser densa e com mata alta (possível justificativa para a escolha do nome da cidade fictícia), típicas da Amazônia. Pellegrini enquanto trabalhava para a Playboy viajou até Alta Floresta onde conheceu os “delírios do garimpo”.

Ponta do Muriaé é a outra cidade fictícia que Pellegrini cria, podendo fazer alusão à cidade de Muriaé localizada na Zona da Mata de Minas Gerais. Os personagens principais “Preibói” e Mariane viajam de jipe do Rio de Janeiro para Ponta do Muriaé onde passam o feriado de carnaval em clima romântico. Muriaé dista apenas 216 quilômetros do Rio de Janeiro (em linha reta), então pode ser que Pellegrini tenha apenas acrescentado o nome “Ponta” à cidade de Muriaé.

O enredo se passa em várias outras cidades, e dessa vez, todas reais: Ariquemes (RO), Marabá (PA), Campo Grande (MS), Sorocaba (SP) e Rio de Janeiro (RJ).

2.3.3 Tempo

O romance se inicia nas últimas semanas de 1984, data que é apresentada ao leitor já na primeira página do livro, quando “Preibói” liga a televisão e escuta o noticiário: “Vamos chegando às últimas semanas de 1984 [...]” e tem duração de aproximadamente 4

³⁸ NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: RIEDEL, Dirce Côrtes (org) **Narrativa: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 11.

meses, pois o desfecho da história se dá no mesmo dia em que o presidente Tancredo Neves morre em 21 de abril de 1985. “Chegam a São Paulo amanhecendo. Param em padaria perto do mesmo Hospital das Clínicas onde estão o presidente morto e a mãe dele.”³⁹

Após todo o desfecho da obra, Pellegrini volta com um último capítulo intitulado “O reencontro” de apenas quatro páginas, onde se passaram dois anos e Mariane e “Preibói” e o filho que tiveram – Mariano - retornam ao Brasil (foram morar nos Estados Unidos) para passarem o carnaval em Ponta do Muriaé.

2.3.4 Personagens

Por ordem de importância no romance:

“Preibói”, o autor não revela o nome verdadeiro do personagem principal, ele sempre é chamado pelo apelido que faz referência à revista *Playboy* para qual o personagem trabalha.

Mariane, *Méeri*, a chefe do garimpo, é norte-americana e ex-militar, veio morar no Brasil ainda criança. “[...] É tão bonita que só, corpo esguio mas com todas as curvas, pele rosada, cabelos tão curtinhos quanto pontudinho o nariz. [...] De repente, ela ergue o olhar para ele, [...] um olhar firme e calmo, sem medo nem pressa e bem azul.”⁴⁰

Pintinha “[...] uma linda mulata miúda, café-com-leite, mais leite que café, cabelos finos e brilhantes encaracoladinhos.”⁴¹ Trabalha no garimpo de mulheres.

Major, ex-oficial do exército, amigo de longa data do pai de Mariane, vai ajudar o grupo à vender as esmeraldas.

Delegado, delegado da cidade de Alta Mata, ficava com metade dos rendimentos dos garimpos das mulheres em troca de deixa-las trabalharem em paz. Vai perseguir o grupo na longa viagem que fazem para vender as esmeraldas.

Maurílio, grande amigo de “Preibói”, vai ajudar o grupo nos momentos de tensão.

Dita, uma ex-caminhoneira, trabalha como segurança do garimpo. “É uma mulata alta e larga, roliça, sem cintura, com botas de borracha e bermuda, os peitões quase rompendo o sutiã debaixo da camisa de homem.”⁴²

³⁹ PELLEGRINI, Domingos. **Mulheres Esmeraldas**. 1 ed. Belo Horizonte: Gutemberg, 2018. p.195.

⁴⁰ *Ibidem*, p.8.

⁴¹ *Ibidem*, p.21

⁴² *Ibidem*, p.20

Isabel, apelidada de Portuguesa “[...] é clara de cabelo grisalho e curto, andar de homem, cara de homem, jeito de homem.”⁴³ Trabalha no garimpo de mulheres.

Donana, “[...] uma índia enrugada e gorda de cabelos negros e compridos”⁴⁴ é a cozinheira do garimpo de longa data, trabalhava no garimpo do pai de Mariane.

Cida, ajudante de Donana “[...] outra mulata, quieta feito uma planta, só olhando para baixo.[...] A única de vestido, tão comprido que chega às canelas, o cabelo curtinho como um capacete negro, noviça amazônica.”⁴⁵

José, caseiro do sítio do Major.

Chiquito “[...] um sujeito barrigudinho de sandálias e bermudas floridas.”⁴⁶ Foi ajudante de Donana no garimpo do pai de Mariane e o homem de sua confiança, é chamado para limpar as esmeraldas.

Mãe do “Preibói”.

2.3.5 Enredo

Um repórter da revista *Playboy* viaja até Alta Mata para fazer uma reportagem de pauta “Um tesão de garimpo: um texto entre a reportagem e a ficção sobre os sonhos eróticos dos garimpeiros, suas lembranças de farras e orgias, com aquele tempero etc.”⁴⁷.

O ano é 1984, e essa informação é dada quando o repórter liga a televisão e ouve o noticiário: “Vamos chegando às últimas semanas de 1984, mas o sentimento nacional é de que o Brasil vai entrando numa nova era com seu primeiro presidente eleito ⁴⁸depois de vinte e quatro anos de regime militar, o mineiro Tancredo Neves...”⁴⁹.

O repórter chamado apenas por “Preibói” no romance (fazendo referência à revista) inicialmente iria fazer uma reportagem sobre os garimpeiros, mas ao chegar ao hotel em que se hospeda fica sabendo sobre um tal garimpo só de mulheres e rapidamente já pensa em fazer uma matéria sobre e um ensaio fotográfico dessas tais garimpeiras.

⁴³ PELLEGRINI, Domingos. **Mulheres Esmeraldas**. 1 ed. Belo Horizonte: Gutemberg, 2018. p.21.

⁴⁴ *Ibidem*, p.21.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 24.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 48.

⁴⁷ *Ibidem*, p.11.

⁴⁸ O autor não se preocupa em explicar pormenores os detalhes deste acontecimento, uma vez que a obra se trata de um romance, porém, ao escrever “primeiro presidente eleito”, o leitor que não possui conhecimento dos fatos, pode entender que tenha sido uma eleição com a participação do povo. Tancredo Neves foi eleito de forma indireta por um colégio eleitoral.

⁴⁹ PELLEGRINI, Domingos. **Mulheres Esmeraldas**. 1 ed. Belo Horizonte: Gutemberg, 2018. p. 5.

Quando chega ao garimpo é recebido por Dita, uma mulata alta que aponta uma carabina em sua cara e por uma loira de olhos azuis, Mariane. Após uma rápida conversa e se apresentar como repórter da revista Playboy, a loira resolve leva-lo até o local do garimpo onde estão as outras mulheres.

No garimpo estão as outras quatro garimpeiras: Donana, Cida, Portuguesa e Pintinha.

O repórter logo começa tirar fotos e fazer perguntas sobre a vida das garimpeiras e no final da tarde faz um ensaio sensual com Pintinha. Ao anoitecer para sua surpresa, Méri quer que ele pouse no garimpo e ele fica receoso sem entender o motivo, que logo é revelado em forma de pedras verdes, ou melhor, esmeraldas. O repórter fica sem entender, pois até então achava que o garimpo era de ouro, Méri explica que encontraram um veio de esmeraldas e que precisam dele para sair dali com segurança para vender as pedras, já que ele é uma figura masculina, repórter de uma revista importante e que já tiveram problemas com o sócio que ficava com metade de todo ouro que encontravam... Ele fica desconfiado no início, mas resolve embarcar nessa.

Alugam um carro na cidade e seguem para Porto Velho, apenas “Preibói”, Pintinha, Méri e Portuguesa. Cida, Dita e Donana ficam. No caminho Méri conta que o sócio é o delegado de Polícia de Alta Mata, que ficava com metade do que encontravam apenas para proteger o garimpo delas e deixa-las garimparem em paz. E que um tempo atrás houve um incidente no garimpo em que precisaram matar uma pessoa que estava estuprando Pintinha. O repórter faz uma rápida observação: “Em resumo [...] as senhoras estão fugindo da polícia, com ouro e esmeralda no porta-malas e um crime de morte nas costas!”.⁵⁰

Mariane conta sua história - seu pai era coronel engenheiro do exército e foi consultado por um milionário sobre construir uma fábrica de papel flutuante na Amazônia, que ficou conhecido como Projeto Jari.⁵¹ O pai já aposentado levou toda a família e foi

⁵⁰ PELLEGRINI, Domingos. **Mulheres Esmeraldas**. 1 ed. Belo Horizonte: Gutemberg, 2018 p. 42

⁵¹ Idealizado em 1967 pelo americano Daniel Keith Ludwig (1897 – 1992), um empresário bilionário, o Projeto Jari foi um grande empreendimento privado desenvolvido a partir de 1967 na região amazônica, localizado entre os rios Jari e Amazonas. Para o Projeto foram trazidas do Japão duas plataformas flutuantes, uma para a produção de celulose e outra para produção de energia.

O Projeto foi planejado para abranger atividades industriais, agrícolas e de extração vegetal e mineral. Quando iniciou as atividades no Brasil, Daniel Ludwig era detentor de uma das maiores fortunas do mundo e seu império empresarial estava espalhado em mais de vinte países.

O Projeto Jari foi considerado o maior de seus empreendimentos, devido aos altos riscos de um investimento de grandes proporções numa região isolada da floresta amazônica. Os negócios de Ludwig no Brasil começaram com a aquisição em 1967 da Empresa de Comércio e Navegação Jari Ltda., que era possuidora de extensas propriedades na Amazônia.

Para conseguir prosseguir com as atividades, Ludwig construiu uma extensa rede de ferrovias, rodovias, um porto além de três vilas residenciais que abrigariam os funcionários do Jari e suas famílias.

trabalhar na construção da fábrica. A mãe morreu de desgosto. O pai se apaixonou pela garimpagem quando foi pescar com um brasileiro e nunca mais voltou para a fábrica. Montou um garimpo onde segundo Méri, os empregados lhe roubavam ouro debaixo das barbas e que Donana já era cozinheira do garimpo nessa época. Méri achava que o pai havia enlouquecido quando ele lhe mostrava cópias de mapas antigos de exploradores da Amazônia de três séculos atrás e dizia ter encontrado uma mina, mas que não era de ouro. Méri ficou muito nervosa e rasgou os mapas e o pai ficou tão nervoso que teve um enfarto e morreu.

Donana foi quem mostrou a ela o veio de esmeraldas onde seria futuramente o garimpo das mulheres, provando que o pai não estava louco. E só quem sabia disso eram as mulheres e agora o repórter.

Quando o grupo chega a Porto Velho, Méri vai buscar Chiquito, que foi ajudante de Donana no garimpo e homem de confiança de seu pai. Ela explica que precisa de um favor dele e mostra 50 quilos pedras e diz que precisavam ser limpas, pois estão cheias de quartzo e manganês. Chiquito diz que seu equipamento não é apto para limpar este tipo de pedra, mas que conhece quem poderia fazer o serviço. Méri aceita com a condição de que fosse feito na casa em que estavam.

[...] o Jari envolveu um total de investimentos próximo de um bilhão de dólares. Por suas dimensões e por ser controlado por um empresário estrangeiro, foi objeto de inúmeras críticas e denúncias no decorrer de sua existência. Por um lado, foi criticado como um projeto mal concebido e mal dirigido do ponto de vista gerencial; de outro, foi visto por muitos como uma presença estrangeira indesejável no país e identificado como uma ameaça à soberania nacional. Otávio Ianni se referiu ao Jari como “um enclave estrangeiro criado com a proteção econômica e política da ditadura”, caracterizando-o ainda como um produto típico do regime instalado em 1964, que facilitou a abertura da Amazônia aos grandes negociantes de terra e promoveu uma política de concentração fundiária na região.

Na década de 70 surgiram várias denúncias sobre as condições de trabalho na área do Jari que resultaram na fiscalização do governo federal, o que obrigou Ludwig a melhorar as condições de habitação dos trabalhadores e cumprir a legislação salarial que vigorava na época.

Os danos provocados no meio ambiente pela grande derrubada da floresta amazônica motivaram projetos de grupos ambientalistas de várias partes do mundo,

Diante das dificuldades do Projeto Jari e percebendo que já não poderia contar com o mesmo apoio governamental desfrutado no passado, Ludwig decidiu reduzir os custos do empreendimento, o que acarretou a demissão de milhares de trabalhadores no início da década de 1980. Ao mesmo tempo, o empresário passou a reivindicar que o governo federal assumisse a responsabilidade pela manutenção da infra-estrutura montada pelo projeto e destinasse recursos para custear seus serviços comunitários, como hospitais, serviço policial, escolas e estradas.

Para a nacionalização do Jari, 23 empresários nacionais participaram. A transferência do Jari ao capital nacional foi efetivada em 25 de janeiro de 1982, no palácio do Planalto com a presença do presidente João Figueiredo e de diversos ministros de Estado.

Fonte: Centro de pesquisa Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/projeto-jari>>. Acesso em: 28 set. 2019.

Méri conta que o plano era limpar as pedras, vender e dividir o dinheiro no sul do país. Levariam as esmeraldas em duas malas, uma de avião com Portuguesa e Pintinha e a outra por terra com Dita, Donana e Cida, que se encontrarão num hotel em São Paulo, pois divididas em grupos não iriam chamar tanta atenção e se algo desse errado só perderia metade da carga.

O plano incluía alugar um avião de quatro lugares (coisa fácil para uma equipe da revista Playboy, diz Méri), parar em Campo Grande para abastecer e aterrissar em São Paulo e só lá estariam seguras. E após isso “Preibói” ganharia uma pedra de tamanho de um ovo.

No caminho em que percorrem passaram pelo que sobrou da Ferrovia Madeira-Mamoré⁵²:

Mariane para ali o carro e, na luz dos faróis, ele vê que o monstro é uma locomotiva enferrujando, meio coberta de mato e trepadeiras. [...]

- É o que sobrou da Ferrovia Madeira-Mamoré. [...] Foi fechada [...] e deixaram tudo aí enferrujando.

Locomotivas, vagões, estações, ela conta, ficou tudo enferrujando até que o batalhão da Engenharia, que tomava conta de tudo, começou a vender os trilhos como ferro-velho para construtoras. Depois, foram desmontando as locomotivas e vagões, com engenharia e disciplina militar para vender a fundições no Sul.⁵³

Nesta altura Méri muda os planos pois o delegado de Alta Mata já tinha posto de sobreaviso os taxistas e pilotos de avião da região sobre o grupo. Decidem ir para Ariquemes e lá pegar um avião.

O piloto contratado é “[...] típico de garimpo: óculos escuros, boné preto, jóias de ouro, pulseira, anel, no pescoço corrente grossa e no cinto fivela dourada.”⁵⁴ O destino era Marabá no Pará e de lá pegar o primeiro avião para São Paulo.

⁵² Ferrovia de 366 quilômetros no atual estado de Rondônia, construída em três fases entre os anos de 1871 a 1912. Idealizada na Bolívia em 1846, pelo engenheiro José Augustin Palácios, que convenceu as autoridades locais que a melhor saída entre a Bolívia para o oceano Atlântico seria pela bacia amazônica para fins comerciais.

Durante a 2ª Guerra Mundial, a ferrovia teve grande valor estratégico para o Brasil, sendo usada para suprir o transporte de borracha. Após 54 anos de funcionamento, em 25 de maio de 1966, a ferrovia teve desativação determinada pelo presidente Castelo Branco, a ferrovia deveria ser substituída por uma rodovia. Em 10 de julho de 1972 foi totalmente desativada e abandonada até 1979, quando o que sobrou dela começou ser vendido como sucata para siderúrgicas. Em novembro de 2005 a ferrovia foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

⁵³ PELLEGRINI, Domingos. **Mulheres Esmeraldas**. 1 ed. Belo Horizonte: Gutemberg, 2018. p. 51.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 60.

Após um tempo voando o piloto pousa em Jacareacanga para abastecer e “Preibói” conta para o grupo que ali naquela cidade aconteceu uma revolta da Aeronáutica⁵⁵, no tempo do presidente Juscelino.

Quando chegam a Sorocaba alugam uma casa e logo em seguida chegam Dita, Donana e Cida, as seis garimpeiras estão reunidas juntas ao bendito fruto entre as mulheres – “Preibói”.

Neste ponto da história, o clima entre Méri e “Preibói” já começa a dar indícios de romance e Pintinha percebe: “Se a chefinha não tivesse gamado em você...”⁵⁶ E no meio de uma noite na casa de Sorocaba dormem pela primeira vez juntos.

Méri conta que o plano agora era vender parte das esmeraldas em São Paulo e parte no Rio de Janeiro, já semi-lapidadas e direto com os importadores, mas que como as negociações são complicadas e demoradas e feitas em dólar, vai pedir ajuda ao Major, amigo antigo de seu pai. Também explica como funcionará a divisão dos lucros em seis, 15% para cada mulher e 25% para ela. “Num garimpo de homem, seria metade para o patrão, a outra metade para o pessoal.”⁵⁷

O grupo passa o natal em franca camaradagem e “Preibói” e Méri em um romance puro. O Major chega no dia seguinte junto de seu braço direito, João. “O Major tem cabelos todos brancos, barba também branca bem aparada, sotaque forte de gringo – mas bronzeado e vestido como carioca, bermuda e tênis, camiseta cavada mostrando pelos brancos também no peito.”⁵⁸

Major fica impressionado ao ver as esmeraldas e calcula cerca de 50 quilos de pedras, mas que demorará dias para vender, pois negociar com pressa seria um erro. Méri diz que tem pressa e que ser for preciso ele pode baixar o valor da mercadoria. O Major leva uma mala com algumas esmeraldas para começar o negócio.

Na manhã seguinte “Preibói” acorda antes que todas na casa, pega um táxi com intenção de ir até a redação da *Playboy*, acertas as contas da viagem, escrever a reportagem na redação mesmo e à noite voltar para a casa alugada pelo grupo.

⁵⁵ A Revolta de Jacareacanga foi uma rebelião de militares da Aeronáutica, liderados pelo major Haroldo Veloso e pelo capitão José Chaves Lameirão iniciada em 10 de fevereiro de 1956, quando os dois oficiais tomaram um avião caça no Rio de Janeiro. A revolta teve duração de 19 dias e foi uma reação contrária à posse de Juscelino Kubitschek, que segundo os líderes do movimento, estava ligado ao Comunismo. A Revolta foi contida no dia 29 de fevereiro após a prisão de Haroldo Veloso.

⁵⁶ PELLEGRINI, Domingos. **Mulheres Esmeraldas**. 1 ed. Belo Horizonte: Gutemberg, 2018. p. 77.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 94.

⁵⁸ *Ibidem*, p.106.

Ao chegar ao prédio da revista, ainda fechado, um homem simpático diz estar esperando o prédio abrir e que é o novo motorista da *Playboy*, cobrindo férias do antigo. “Preibói” diz que também trabalha lá e que precisava passar em sua casa para pegar algumas coisas e pergunta se o homem pode levá-lo, o sujeito concorda. Ao dobrarem a esquina, pulam dois sujeitos armados na frente do carro, era uma tocaia bem planejada.

Um dos homens com sotaque nortista pergunta para “Preibói” “Cadê aquelas putas?”. Ele logo desconfia ser o delegado de Alta Mata, mas não responde e se faz de desentendido e leva socos na cabeça e ouvido. “Preibói” diz que a ditadura acabou e aquilo era um sequestro. Recorda:

“Na ditadura, os companheiros eram presos por policiais que chegavam sempre de repente, e já iam batendo no caminho para quartel ou delegacia; mas agora já tem anistia, a ditadura tinha acabado, o Brasil vai ter o primeiro presidente civil eleito pelo Congresso.”⁵⁹

O Delegado insiste em saber onde estão as mulheres e diz que seguiu as pistas até Sorocaba e havia falado com o piloto do avião, mas “Preibói” não conta nada e leva mais socos. Chegam num sítio, o caseiro abre o portão e vão até o fundo da casa para um barracão de ferramentas e o Delegado explica: “[...] só estou querendo o que é meu, Se quiser ser herói, azar seu. Não vou machucar aquelas putas só quero o que é meu, entendeu?”⁶⁰

“Preibói” é torturado até desmaiar: “O Delegado vai girando a manivela e o choque vai aumentando, as pernas tremendo e endurecendo, a manivela girando mais depressa, o corpo inteiro sacudindo, dor vindo de todo lado, de dentro, de fora, os dentes rangendo. [...]”⁶¹

Já próximo ao almoço o Delegado e os outros saem para comer, “Preibói” nesta altura está com sede, machucado, dentes quebrados, queimaduras do choque e mal tem forças para rezar, reza prometendo que vai mudar de vida, “[...] arranjar emprego num jornal ou revista, sentar a bunda e passar seis horas por dia numa escrivania ganhando salário e fazendo carreira.”⁶²

Ouve um barulho de enxada capinando e identifica como sendo o caseiro que abriu o portão e pede água pelo amor de Deus, o homem coloca uma mangueira num vão entre a parede e o telhado. “Preibói” pede ajuda para sair dali, que o homem pode até para na

⁵⁹ PELLEGRINI, Domingos. **Mulheres Esmeraldas**. 1 ed. Belo Horizonte: Gutemberg, 2018. p.112.

⁶⁰ *Ibidem*, p.113.

⁶¹ *Ibidem*, p.113.

⁶² *Ibidem*, p.115.

cadeia por ser cúmplice. O homem explica que trabalha ali e que não é bandido e só está cumprindo ordens:

O senhor escute bem. Eu sou repórter e estou aqui sequestrado por policiais, por causa duma reportagem, mas não vão conseguir sumir comigo assim sem mais nem menos. Cadáver de jornalista é difícil de esconder. E o senhor também vai acabar na Justiça, porque quem acoita crime também é criminoso! E além disso – agora é a mãe a falar pela sua boca – Deus está vendo!⁶³

O homem diz ter medo de soltá-lo e ser morto, mas “Preibói” diz que ele vai ser morto de qualquer forma e que se ajudar ele a sair dali, vai ter proteção, advogado casa e comida. O caseiro concorda e fogem do sítio, já na estrada à frente pegam um taxi para a casa onde as mulheres estão.

Ao chegarem lá, “Preibói” conta tudo para Mariane que está preocupada caso alguém tenha os seguido, já Portuguesa pega na mão do caseiro e diz que ele não é caseiro coisa nenhuma, pois o mesmo tem a mão lisinha.

Mariane diz que o plano agora era sair dali em duas turmas de novo: ela, Pintinha e Portuguesa, Dita, Donana e Cida. Mas nesse momento Portuguesa aponta uma arma para Méri e diz “negativo”, dispara para o teto e manda Dita passar o 38 para ela, nesse momento Pintinha tropeça e cai e Portuguesa atira em sua perna e avisa que mata quem se mexer.

Portuguesa pega a mala cheia de esmeraldas quando Cida surge da cozinha com uma frigideira na mão e lhe bate atrás da cabeça, a traidora desaba no chão. O grupo junta as trouxas enquanto “Preibói” é encarregado de ir alugar um carro. Deixam na despensa Portuguesa e o caseiro, Méri deixa um dos sacos de esmeraldas sob protestos de Pintinha, que diz que a chefe não devia deixar nada.

Méri diz que vão para o Rio e entrega uma esmeralda para “Preibói”, que não pega, ela enfia então no bolso da calça dele. Ele pede desculpas à ela por não tê-la ouvido e saído sozinho.

Já é de noite quando chegam ao Rio e se hospedam num hotel, os apaixonados finalmente dizem “eu te amo” um para o outro. No dia seguinte “Preibói” liga para a mãe não se preocupar e diz que está em algum lugar escrevendo um romance, depois liga para o amigo Maurílio e diz que a polícia está atrás dele mas não explica o motivo, o

⁶³ PELLEGRINI, Domingos. **Mulheres Esmeraldas**. 1 ed. Belo Horizonte: Gutemberg, 2018. p. 116.

amigo conta que esteve no apartamento dele e estava tudo revirado. Depois liga para a *Playboy* dizendo que quando der manda a reportagem “Um tesão de garimpo”.

Vão para a fazenda do Major, um lugar calmo e tranquilo. Lá encontram o caseiro José da Silva, “[...] um sujeito de jeans e botinas, barbicha caipira mas brinco na orelha, sotaque rural mas palavras urbanas.”⁶⁴ “Preibói” se dedica nos dias seguintes em escrever sua reportagem. Alguns dias depois vai até Ponta do Muriaé com Pintinha e José para procurar um dentista para arrumar os dentes quebrados no fatídico dia.

Dias se passam e o Major anuncia que vendeu 30 quilos de esmeraldas, no mesmo dia Pintinha se engraça com o Major e passa a noite com ele. No dia seguinte diz que tudo está conforme planejado, o Major enviou o dinheiro pelo Banco do Brasil, para Dita repartir com Donana e Cida. Pintinha e Mariane receberiam suas partes em dólares.

Mariane fica impaciente com o Major pois ele passa muitos dias na fazenda ao invés de estar vendendo o restante das esmeraldas, ele explica que é preciso paciência pois agora o mercado está cheio delas e não se consegue um preço tão bom. As semanas se passam e Pintinha e o Major engatam num romance também, mas Mariane continua impaciente e reclamando da demora do Major.

Chega o carnaval e Méri e “Preibói” vão até Ponta do Muriaé para passarem o feriado em clima de lua de mel. Depois vão para o Rio de Janeiro para a casa do Major que diz precisar de mais uma ou duas semanas para vender o restante das pedras.

A televisão “diz que o presidente eleito, Tancredo Neves, [...] não tomou posse porque foi internado e operado um dia antes. O noticiário encerra com imagens de gente rezando nas praças pelo velho novo presidente eleito do Brasil.”⁶⁵ Os negócios com as esmeraldas vão mal e o presidente também.

Dias depois após Mariane vomitar “Preibói” diz que ela está grávida e que será um menino, os dois choram emocionados e combinam que irão para os Estados Unidos pela Bolívia.

Maurílio chega à fazenda para levar a reportagem até a revista e depois trazer o pagamento.

Em meados de abril “O presidente morre aos poucos, a cada boletim. [...] É operado outra vez em São Paulo, gerando mais boletins, o hospital cercado de imprensa e povo, gente rezando e acendendo velas entre os fios emaranhados e as luzes das câmeras.”⁶⁶

⁶⁴ PELLEGRINI, Domingos. **Mulheres Esmeraldas**. 1 ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2018. p. 130.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 182.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 189.

O Major finalmente vende o restante das esmeraldas e faz o pagamento para todas. Enquanto Mariane conta os maços de dinheiro José, o caseiro e um aliado aparecem com uma pistola automática e atira no chão ameaçando à todos. José o aliado João começam a discutir entre si e o Major aproveita para dar um soco na boca de João. O grupo amarra a dupla traidora e Mariane pergunta ao Major sobre o avião que irá decolar com eles à noite. Neste meio tempo Maurílio aparece para avisar “Preibói” que a mãe dele teve um ataque e estava no hospital.

Todos vão de carro até São Paulo, param num posto para comerem uma pizza e descobrem que o presidente morreu. Chegam a São Paulo amanhecendo e vão para o Hospital das Clínicas onde estão a mãe doente e o presidente morto. O Major diz que vai esperar cerca de uma hora depois vão direto para a fazenda do amigo para pegar o avião.

Ao encontrar a mãe que explica que havia sido apenas um entupimento de artéria, “Preibói” apresenta Mariane e diz que vão ter um filho e estão de partida para morar nos Estados Unidos.

Quando estão no elevador “Preibói” percebe que o Delegado está no hospital, Maurílio vai até ele e lhe toca no ombro, quando vira, leva um soco certeiro. A confusão está armada em meio à multidão que está ali para acompanhar o presidente morto. O casal foge do Delegado em meio ao povo na rua em frente ao hospital. Chegam até o carro do Major e saem em disparada. No meio do caminho param em um orelhão, “Preibói” liga para a *Playboy* avisando que está de partida para os Estados Unidos e agradece por tudo, é informado de que sua reportagem foi vendida para a *Playboy* de sete países.

Dá instruções para o Major e Pintinha sobre onde deixou uma esmeralda em sua casa e diz que é de Pintinha, a outra esmeralda que estava com ele manda entregar para Maurílio para investir em sua própria agência. Chegam à fazenda onde avião e piloto estão prontos para decolar. Todos se despedem emocionadamente.

Dois anos depois, Méri, “Preibói”, sua mãe e o filho Mariano retornam ao Brasil para passarem o carnaval em Ponta do Muriaé. Pintinha ficou famosa com as fotos da reportagem e continua com o Major.

Mariane aperta sua mão, olhando nos olhos com seus olhos azuis, diz que daria um dólar furado para saber o que ele está pensando, e ele diz, pois é, olhe só para nós, um ex-reporter de revista de mulher pelada, com uma ex-chefe de garimpo de mulher, indo encontrar uma ex-caminhoneira, uma ex-

cozinheira, todos que deixaram uma vida para encontrar outra... porque é que, afinal, isso não pode virar um romance?⁶⁷

2.4 CONSIDERAÇÕES PÓS-ANÁLISE

O livro *Mulheres Esmeraldas* de Domingos Pellegrini, está catalogado como ficção e literatura brasileira, mas pode ser classificado como uma narrativa pertencente ao gênero romance histórico, pois além de possuir os cinco elementos: enredo, espaço, tempo, personagens e narrador, Pellegrini mescla história e ficção, segue uma temporalidade cronológica, os personagens e detalhes históricos usados pelo escritor são utilizados apenas para dar veracidade à narrativa.

O uso da transição entre ditadura militar para a democracia no Brasil, por Pellegrini, não foi totalmente proposital, pois esse acontecimento histórico não interfere diretamente no desenrolar da história e nem é o eixo central da mesma, Pellegrini pode tê-lo utilizado como uma forma para dar mais veracidade ao livro, intrigando e aproximando mais o leitor com a obra, visto que

[...] ainda que indiscutível, [as] relações entre história e ficção, fundada no conceito de representação, há que se considerar, também, a possibilidade de apropriação, pela literatura, da temática da história. [...] Ficções literárias que aludem a situações históricas, com os mais diversos objetivos (entre eles, parece-nos que o mais usual seja o de criar certo “efeito de real”) e, [...] ficções que apenas situam sua intriga num determinado contexto sócio-histórico.⁶⁸

Mulheres Esmeraldas se ambienta nestes dois aspectos literários citados por Gobbi, a criação de um “efeito real” e o desenrolar da história ambientado num contexto histórico específico.

Ao ler o romance, encontramos alguns trechos importantes da história do Brasil, como o fim do regime militar, a eleição, doença e morte de Tancredo Neves, a atividade garimpeira, construção da Ferrovia Madeira-Mamoré, tudo isso escrito de uma forma leve e prazerosa, diferentemente de como escrevem os historiadores.

Segundo Peter Burke, os historiadores podem:

⁶⁷ PELLEGRINI, Domingos. *Mulheres Esmeraldas*. 1 ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2018. p. 204.

⁶⁸ GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica. *Itinerários*, Araraquara, n. 22, p. 37-57, 2004. p. 38.

aprender algo a partir das técnicas narrativas dos romancistas, [...] mas não o bastante para resolver todos os seus problemas literários. Pois os historiadores não são livres para inventar seus personagens, ou mesmo as palavras e os pensamentos de seus personagens, além de ser improvável que sejam capazes de condensar os problemas de uma época na narrativa sobre uma família, como frequentemente o fizeram os romancistas. [...] Parece que os historiadores teriam de desenvolver suas próprias “técnicas ficcionais” para suas “obras factuais”.⁶⁹

Em função disto, recentemente alguns escritores aderem à micronarrativa ou micro-história, a narração de uma história sobre as pessoas comuns nos locais onde estão instaladas. Essa técnica há muito já era utilizada pelos romancistas históricos, porém, só recentemente os historiadores estão aderindo-a.

Porém, Peter Burke chama atenção para o fato de que a micronarrativa, “[...] não apresenta uma solução para todos os problemas delineados anteriormente e gera problemas próprios, especialmente aquele de ligar a micro-história à macro-história, os detalhes locais às tendências gerais.”⁷⁰

⁶⁹ BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 349.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 351.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fugindo um pouco da tradição da escrita formal acadêmica, faço as considerações finais utilizando a primeira pessoa do singular – eu. Incomoda-me um pouco termos de ser “impessoais”, na escrita do trabalho de conclusão de curso, no trabalho, em algumas relações... Tudo e qualquer coisa, em primeiro lugar, deveria ser pessoal, porque somos pessoas e participamos de tudo, nossas emoções, posicionamentos e preferências devem ser levadas em conta.

Ao contrário da escrita histórica tradicional que buscava uma objetividade e imparcialidade, minha escrita enquanto (futura) historiadora tem muito de mim. Este trabalho de conclusão de curso me acompanhou durante quase um ano e meio diz muito sobre mim e me reflete em diversas passagens – são minhas visões, meus apontamentos e minhas considerações. Assim como *Mulheres Esmeraldas* reflete muito das experiências do escritor Domingos Pellegrini, este trabalho reflete muito da Victória.

Pellegrini criou um enredo ficcional com a maestria de um artista, ao mesmo tempo em que apresentou narrativas históricas verídicas de uma forma que os historiadores jamais fariam – de forma pessoal, experiencial e até sentimental.

Mulheres Esmeraldas apesar de ser uma obra literária ficcional, pode ser considerada como uma fonte histórica, uma vez que o autor se abastece de várias passagens da história do Brasil na obra, e conta com detalhes sobre a garimpagem no país. Sendo assim, por que não utilizar a obra como um material de apoio para o ensino de história? O livro é adequado para adolescentes e poderia vir a ser uma atividade prazerosa para os alunos. São muitas possibilidades de trabalho em que *Mulheres Esmeraldas* se encaixaria: fim da ditadura militar, garimpagem, feminismo, etc.

Não pretendo desclassificar o trabalho de historiadores profissionais, muito pelo contrário, historiadores e seus respectivos trabalhos são essenciais para o mundo, mas esse mundo já deu muitas voltas, e por vezes, me parece que muitos historiadores ainda insistem na escrita imparcial e objetiva do século passado, ficando estagnados.

A grande questão que vejo hoje é a de como conciliar a narrativa da história com uma escrita mais prazerosa, mas sem desqualificar a primeira. Parece-me que o Novo Romance Histórico já conseguiu fazê-lo, porém, no campo da Literatura, para domínio da História ainda temos muito que descobrir e reinventar.

REFERENCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: < <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf>>. Acesso em 5 set. 2019.
- ANKERSMIT, Franklin Rudolf. Historiografia e pós-modernismo. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, p. 113-135, mar. 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v2n2/2237-101X-topoi-2-02-00113.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2019.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O Novo Romance Histórico brasileiro. **Revista Via Atlântica**, São Paulo: USP, n. 4, p. 168-177, 8 dez. 2000. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49611>>. Acesso em: 22 dez. 2018.
- BOTOSO, Altamir. Romance histórico e pós-modernidade. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**. v. 3, n. 1/2, ano III, dez/2010. Disponível em: < <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/download/1902/1307>>. Acesso em 27 mar. 2019.
- BRUNER, Jerome. A construção narrativa da realidade. **Critical Inquiry** , 18(1), 1991. pp. 1-21. Disponível em: < https://www.academia.edu/4598706/BRUNER_Jerome._A_constru%C3%A7%C3%A3o_narrativa_da_realidade>. Acesso em 5 set. 2019.
- BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 349
- Centro de pesquisa Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). 2019. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/projeto-jari>>. Acesso em: 28 set. 2019.
- COUTO, André. Projeto Jari. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/projeto-jari>>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- ENDREW, John. Historiografia e Pós-modernismo: diálogos possíveis. In: **VIII Congresso Internacional de História**, p. 2569-2576, 9-11 out. 2017. Disponível em: < www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3798.pdf> . Acesso em: 23 dez. 2018.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de história**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- GARCIA, Aline Loretto. O debate sobre a pós-modernidade na historiografia brasileira: tempo e narrativa (1985-2011). In: GIANNATTASIO, Gabriel (org). **A história, esta cortesã**. Curitiba: CRV, 2018.
- GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica. **Itinerários**, Araraquara, n. 22, p. 37-57, 2004. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2736>>. Acesso em: 2 mar. 2019.

HUTCHEON, Linda. Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado. In: HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LAVORATI, Carla; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Diálogos entre ficção e história: do Romance Histórico Clássico ao Novo Romance Histórico. **Revista Odisséia**, n. 6, p. 1-8, jul. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2070>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a História**. Tradução de Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: RIEDEL, Dirce Cortês [org]. **Narrativa**: ficção e história. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

OLIVEIRA, Cristiano Mello de. Divergências e convergências – reflexões sobre o romance histórico. In: OLIVEIRA, Cristiano Mello de. **O novo romance histórico brasileiro em travessias**: a República dos Bugres e conspiração barroca, de Ruy Reis Tapioca. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/173266>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

PELLEGRINI, Domingos. **Mulheres Esmeraldas**. 1 ed. Belo Horizonte: Gutemberg, 2018.

PELLEGRINI, Domingos. Garimpo literário. [Entrevista concedida a Marcos Roman]. Folha 2. **Jornal Folha de Londrina**, 16 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/garimpo-literario-1012774.html>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PELLEGRINI, Domingos. Um escritor na biblioteca – Domingos Pellegrini. [Entrevista concedida a Mariana Sanchez]. **Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**, 2012. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=35>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PROENÇA FILHO, Domício. **Pós-Modernismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1988.

RIBEIRO, Rejane de Almeida. Aspectos dos romances históricos tradicional e pós-moderno. **Scientia FAER**, Olímpia, ano 1, v. 1, p. 74-81, 2009. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170802101808.pdf>. Acesso em 28 mar. 2019.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.